

IDENTIDADE E PROJETO DE VIDA: DILEMAS DAS JUVENTUDES

IDENTITY AND LIFE PROJECT: YOUTH DILEMMAS

Marinara Cabral dos Santos **1**

Vanessa Pereira Costa **2**

Roberta Pasqualli **3**

Resumo: Essa pesquisa tem como objetivo apresentar as nuances da construção da identidade dos jovens a partir de seus dilemas e, sobretudo, identificar e analisar o que projetam para o futuro, que denominamos como 'projetos de vida'. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa básica, descritiva e de estudo de caso instrumental, com procedimentos bibliográficos e de campo. Os dados foram coletados por meio de questionário on-line. Foram sujeitos da pesquisa 30 estudantes do Ensino Médio Integral de uma escola da Rede Estadual de Ensino do Município de Augustinópolis, Tocantins. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo para categorizar os dados. Como resultados, destaca-se o empoderamento dos estudantes colaboradores ao fazerem sua autodefinição e por relacionarem bem suas prospecções futuras, ora profissional, ora pessoal, demonstrando que a juventude não se trata apenas de mais uma fase da vida, mas sim um espaço de construção humana.

Palavras-chave: Juventudes. Identidades. Projetos de Vida.

Abstract: This research aims to present the nuances of the construction of the identity of young people from their dilemmas and, above all, to identify and analyze what they project for the future, which we call 'life projects'. Methodologically, it is a basic, descriptive research and an instrumental case study, with bibliographic and field procedures. Data were collected through an online questionnaire. The subjects of the research were 30 students of the Integral High School of a school of the State Education Network in the Municipality of Augustinópolis, Tocantins. The content analysis technique was used to categorize the data. As a result, the empowerment of collaborating students is highlighted by making their self-definition and by relating well their future prospects, sometimes professional, sometimes personal, demonstrating that youth is not just another phase of life, but a space for construction human.

Keywords: Youth. Identities. Life Projects.

-
- 1** Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (IFTO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7352773169603489>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2741-3134>. E-mail: marinara.santos@estudante.iftto.edu.br
 - 2** Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (IFTO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0612791788584910>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4907-4222>. E-mail: vanessa.costa6@estudante.iftto.edu.br
 - 3** Doutora em Educação (UFRGS). Pós-Doutora em Educação (UFRGS). É professora do ProfEPT IFSC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6932842326580345>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8293-033X>. E-mail: roberta.pasqualli@ifsc.edu.br

Introdução

Inicia-se esse texto partindo do pressuposto de que a palavra diversidade, em seu conceito mais amplo, define a juventude brasileira. Para justificar tal afirmação, considera-se que, de acordo com Dayrell (2003, p. 42) “essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero e, também, das regiões geográficas, dentre outros aspectos”.

A UNESCO (2004, p. 23-25) conceitua a juventude referindo-se “ao período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero.” A Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que institui o Estatuto da Juventude e dispôs sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE) e, em seu § 1º destaca que “[...] são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (Brasil, 2013).

Sobre a leitura de tal artigo do Estatuto da Juventude, se considerarmos apenas o dado numérico, teríamos uma solução fácil de enquadramento. No entanto, a literatura, os estudos e a realidade nos mostram a complexidade inerente ao que vivem as pessoas nessa faixa etária, pois é um período de se compreender enquanto “sujeitos sociais” conforme discute Dayrell (2003).

Para Esteves e Abramovay (2007) o conceito de juventude carrega em si um emaranhado de significados que atravessam os conceitos lidos em dicionários, políticas públicas e teorias das ciências humanas. A juventude poderia ser concebida como ‘juventudes’, no plural, pois

perpassa a ideia de tempo, de idade, de condição ideológica, etc. e se aprofundar numa teia de significados, necessidades, dilemas, anseios, desafios, etc. Entre uma concepção e outra há uma diferenciação teórico-conceitual que atribui a cada uma noções e informações díspares que constituem seus valores e suas representações intrínsecas a cada termo (Sousa; Costa, 2019, p. 1).

Ainda, para Esteves e Abramovay (2007, p. 25),

existem muitos e diversos grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais e que, de certa forma, são globalizados. Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, contraditórias entre si [...] Logo, a definição da categoria juventude em hipótese alguma pode ser a mesma para todos aqueles que nela estão enquadrados.

De acordo com Dayrell (2003, p. 40-41) os jovens convivem diariamente com o que ele chama de “a juventude vista na sua condição de transitoriedade”, ou seja, “[...] o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade”.

Concomitante a essa visão negativa, há ainda o que Dayrell define como

Uma outra imagem presente é uma visão romântica da juventude que veio se cristalizando a partir dos anos de 1960[...]. Nessa visão, a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil (Dayrell, 2003, p. 41).

Além das duas visões apontadas por Dayrell (2003, p. 41) anteriormente, ele acrescenta que “[...] a juventude vista como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade”. Por décadas, os jovens têm lutado com estereótipos socialmente construídos por uma sociedade que, na maioria das vezes, não está disposta a contribuir com os jovens no processo de construção de sujeitos sociais, compreendendo as diversas relações sociais que os permeiam

Nesse sentido, certamente “a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona”, conforme reafirma Dayrell (2003, p. 42).

É necessário ainda mencionar a cultura juvenil e considerar os jovens como produtores de cultura, discutir políticas públicas para a juventude brasileira e espaços de participação nos remetendo novamente o Estatuto da Juventude que traz a positividade de políticas públicas, direitos dos jovens incluindo a cidadania, a participação social e política e à representação juvenil, a educação, a profissionalização, ao trabalho e à renda e outros e, sobretudo, o direito à cultura.

Concorda-se com Oliveira e Rodrigues (2006, p. 63) quanto afirmam que “a juventude deve ser reconhecida e valorizada como produtora de cultura, mais do que como consumidora de bens culturais” e afirma-se que a identidade está intimamente relacionada a pertencimento e empoderamento. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é apresentar as nuances da construção da identidade dos jovens a partir de seus dilemas e, sobretudo, identificar e analisar o que projetam para o futuro, que denominamos projetos de vida.

Considerando a perspectiva apontada, esse texto está dividido em 2 partes. Na primeira apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa e, a segunda, apresenta as análises e os resultados da pesquisa à luz do referencial teórico privilegiado. Por fim, divulgam-se as considerações finais e os referenciais teóricos.

Metodologia

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa básica e qualitativa que, conforme Gerhardt e Silveira (2009, p. 31) “[...] não se preocupa com representatividade numérica mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. É considerada de natureza básica porque “objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 35). Essa pesquisa também pode ser definida como descritiva pois, de acordo com Köche (2009), a pesquisa descritiva estuda a relação entre duas ou mais variáveis de um dado fenômeno. A execução da presente pesquisa foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e de estudo de caso instrumental.

De acordo com Gil (2002, p. 44). “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Especificamente, neste artigo foram utilizadas as bibliografias elencadas a partir dos autores que militam em prol da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) em forma de livros, artigos e periódicos. Esse tipo de metodologia destina-se “à contextualização teórica do problema e a seu relacionamento com o que tem sido investigado a seu respeito. Deve esclarecer, portanto, os pressupostos teóricos que dão fundamentação à pesquisa e as contribuições proporcionadas por investigações anteriores” (Gil, 2002, p. 162).

O estudo de caso instrumental caracteriza-se como aquele em que o pesquisador toma como referência um caso (instituição, pessoa, programa, etc.), quando temos um problema de investigação, uma hesitação, uma necessidade de compreensão do todo que pode ser alcançado, com um conhecimento mais profundo, estudando um caso particular (Stake, 1995).

Aplicou-se questionário on-line composto por 05 questões como técnica de coleta de dados. Segundo Gil (2002, p. 77) “por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado”. Os sujeitos respondentes da pesquisa foram nomeados com a letra ‘E’, de estudante, seguido de um número sequencial, por exemplo (E1).

Os 30 estudantes colaboradores compõem turmas da 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio

Integral de uma escola da rede estadual de ensino, localizada no município de Augustinópolis, Tocantins. O universo de estudantes de tal escola é de aproximadamente 390 estudantes. Foram considerados os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e demais documentos oficiais vigentes. Na sequência, apresentam-se os resultados e as discussões referentes à pesquisa realizada.

Fundamentação Teórica

Considerando o jovem enquanto sujeito social é necessário que ele seja capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências. Desse modo, Leão, Dayrell e Reis (2011), apontam esse momento como de grande relevância por estar

permeado de descobertas, emoções, ambivalências e conflitos, o jovem se defronta com perguntas como: “Quem sou eu?”, “Para onde vou?”, “Qual rumo devo dar à minha vida?”. Afirmam que estes questionamentos estão relacionados ao que denominam “projeto de vida”, “[...] uma dimensão decisiva no seu processo de amadurecimento” (Leão; Dayrell; Reis, 2011, p. 1068).

Nesse sentido, considera-se que as escolas de Ensino Médio estão imbuídas, dentre outros, do desafio de auxiliar os jovens a refletir, obter informações, desenvolver habilidades e competências, dimensões importantes para a construção dos seus projetos de vida a partir das suas realidades cotidianas. Sendo assim, é necessário destacar o papel da escola, pois é a mesma por meio de seus educadores que subsidiarão os jovens na construção de seus projetos de vida. Estes mesmos autores trazem alguns questionamentos à reflexão, quais sejam:

Como a escola se coloca diante dessa realidade? Será que a instituição escolar, principalmente aquela do ensino médio, seus professores e os gestores buscam conhecer e refletir sobre a realidade dos alunos na sua dimensão de jovens? Será que dialogam com os projetos de vida que elaboram e as demandas e expectativas que colocam em relação à escola? (Leão; Dayrell; Reis, 2011, p. 1069).

Alves e Dayrell (2015) discutem as categorias juventude e projetos de vida. Os autores ampliam a abordagem sobre projeto de vida, pois para eles “a noção de projetos de vida é utilizada neste trabalho em uma perspectiva ampla, não se limitando às escolhas profissionais. Isso porque falar em projetos de vida não pode se limitar a falar em profissão. Afinal, a vida não se resume a trabalho”(Alves; Dayrell, 2015, p. 375).

Os autores fazem questão de afirmam que “projetos de vida não pode se limitar a falar em profissão”, sendo, portanto, necessário “problematizar outras dimensões da condição humana, como as escolhas afetivas, os projetos coletivos e as orientações subjetivas da vida individual” (Alves; Dayrell, 2015, p. 375). Projetos de vida, nessa perspectiva, são os modos como os jovens colaboradores pensa e organiza suas condutas futuras.

As visões estereotipadas e preconceituosas sobre os jovens e suas possibilidades de organização e participação relacionam-se diretamente à estrutura hierárquica característica do sistema escolar, que gera relações desiguais de poder. Martins e Dayrell (2013) associam essa desigualdade ao conflito intergeracional, a partir do qual os adultos enxergam, nos jovens, apenas imaturidade e, dessa forma, desconsideram-nos como sujeitos sociais. Zibas, Ferretti e Tartuce (2006), por sua vez, voltam a análise para a insegurança de docentes e gestores de terem sua autoridade questionada pelos estudantes, caso eles se organizem para participar, individual ou coletivamente (Pasqualli; Burmester, 2020, p. 5).

Em pesquisa desenvolvida por Alves e Dayrell em 2015 foram identificadas 4 categorias: (a) os jovens que elaboram seus projetos de forma mimética, ou seja, que tendem a imitar algo ou alguém que têm como referência positiva; (b) jovens com modelos de projetos que chamamos de hipomaniacos, ou seja, caracterizam-se pelo excesso de otimismo, euforia, mania de grandeza, projeções excessivas no futuro, desconhecimento do campo de possibilidades, quase uma fuga da realidade; (c) os projetos estratégicos, aqueles elaborados com base nesse modelo apresentam claramente alvo e seta, ou seja, os jovens sabem o que querem, evidenciam conhecimento suficiente do campo de possibilidades, de modo a avaliar e definir os fins e os meios possíveis para alcançá-los e, (e) sujeitos que não se encaixavam em nenhuma das categorias anteriores, por não vislumbrarem qualquer ação além do tempo presente.

Ser alguém na vida, como dizem Alves e Dayrell (2015), significa, portanto, “ser reconhecido, ter o respeito da sociedade, ser enxergado e conhecido. Ser ouvido e respeitado. Ser valorizado. Enfim, sair da condição de invisibilidade, deixar de ser um ‘João Ninguém’” (Alves; Dayrell, 2015, p. 387).

Nesse sentido, considera-se que a transformação, rumo ao alcance do projeto de vida perpassa pela educação e, conseqüentemente inserção profissional. Sendo assim, nossos projetos refletem nossos valores e os valores do grupo em que vivemos, como argumenta Machado (2004).

A escola, principalmente no Ensino Médio, necessita ter um olhar amplo voltado à formação humana em sua integralidade e permitir aos jovens sonhar, projetar e lutar para alcançar, pois apenas das condições sociais, estruturais e tantas outras a que são submetidos, é possível alcançar outras possibilidades senão aquela imposta por seu grupo familiar. Daí a importância de políticas públicas voltadas ao empoderamento e inclusão.

Na seqüência, apresenta-se os resultados da pesquisa considerando as 05 perguntas respondidas pelos estudantes. Os dados obtidos foram associados às discussões fundamentadas no referencial teórico e demonstraram o potencial que tem a formação do ser humano e, certamente confirmam o potencial da escola como diz Klein e Torres (2015, p.252), “dentre os papéis da escola, destaca-se a formação para a cidadania, tarefa política que se relaciona à participação das novas gerações na vida pública”.

Análises e Discussões

Quem sou eu? Traçando o perfil dos jovens

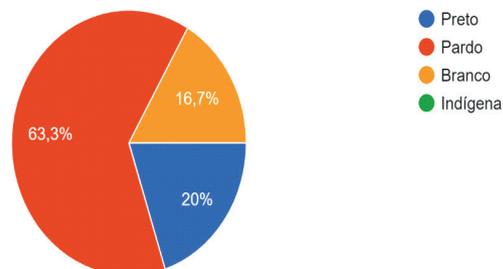
Por meio do questionário aplicado, obteve-se a resposta de 30 estudantes do Ensino Médio Integral de uma escola da rede estadual de ensino, localizada no município de Augustinópolis, Tocantins. Destes estudantes, 12 (36,7%) estudam a 1ª série, 7 (23,3%) estudam na 2ª série e 12 (40%) estudam a 3ª série do Ensino Médio. Quanto a faixa etária dos estudantes foi identificado que tinham entre 15 a maiores de 17 anos, sendo que 10 (15%) possuem 15 anos, 11 (36,7%) 16 anos, 8 (26,7%) 17 anos e 8 (26,7%) possuem mais de 17 anos.

Verifica-se que a maioria dos estudantes que colaboraram com a pesquisa possuem faixa etária adequada ao ano escolar. Apenas 8 estudantes que colaboraram com a pesquisa, representando 26,7% estão com distorção idade série, ou seja, não estão adequados em relação a faixa etária e matrícula escolar conforme as Diretrizes Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos, pois segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil, 2013, p.109) “O Ensino Fundamental com duração de 9 (nove) anos abrange a população na faixa etária dos 6 (seis) aos 14 (quatorze) anos de idade e se estende, também, a todos os que, na idade própria, não tiveram condições de frequentá-lo” e, conseqüentemente, o Ensino Médio deveria ser cursado na faixa etária de 15 (quinze) aos 17 (dezessete) anos.

Com base nos dados apresentados pelo gráfico abaixo foi possível identificar que a maioria se autodeclara como pardos (63,3% dos estudantes), 20% se autodeclarou como preto e 16,7% como brancos, tais informações podem ser visualizadas no Gráfico 1.

Gráfico 1. Você se autodeclara

Você se autodeclara:
30 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em seguida os estudantes foram convidados a se descreverem tendo como base o seguinte questionamento: ‘Quem é você? Como você se descreve?’. As informações coletadas estão apresentadas no quadro 1, apresentado abaixo.

Quadro 1. Quem é você? Como você se descreve?

Estudante (E)	Quem é você? Como você se descreve?
E1	Uma pessoa determinada, autodidata, que está em constantes mudanças sejam de hábitos ou ideologias, buscando sempre melhorar a cada dia.
E2	Uma pessoa simpática, que se importa com todo mundo, é fechada em relação de demonstrar o que sente por alguém, tímida porém sorridente e gosto de ficar na minha. Odeio injustiça, fico enjoada quando vejo uma injustiça e tudo que têm a ver com maldade.
E3	Eu sou uma menina muito quieta, educada, gentil e que gosta de desenhar, eu sou uma menina de cabelos cacheados, parda, mais ou menos alta, sou muito responsável, alegre e gosto de cantar.
E4	Eu sou uma menina que ainda não sabe bem o que quer, está em busca de metas e sonhos a serem alcançados.
E5	Eu sou uma adolescente, me considero inteligente, não gosto de sair e nem ter muitos amigos, acho que muitos amigos são muitas decepções pois não duram para sempre.
E6	Eu sou eu, são tantas qualidades sobre mim porém não irei citá-las, até por que não vejo necessidade e também não curto muito isso. No meu ponto de vista essa pergunta, todos deveriam fazer pra si mesmo, e nada mais.
E7	Sou uma pessoa calma, divertida companheiro e um bom conselheiro.
E8	Sou uma menina sonhadora, que se esforça e corre atrás do que quer, tem muitos sonhos e muita fé.
E9	Eu sou apenas um garoto normal que gosta de tudo relacionado a computador e gosta de coisas simples.
E10	Sou uma pessoa calma, divertida companheiro e um bom conselheiro.

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Com base nesses apontamentos relacionados a identidade de cada jovem é possível perceber que cada descrição torna-se única e particular para cada jovem questionado, de modo que apresentam seus principais pontos positivos e alguns negativos e que também reconhecem que é uma fase de indecisões cheias de dilemas em que alguns não sabem, de fato, como se descrever. Entretanto, mostram-se determinados e em constante mudança para alcançar seus objetivos como destacado por Dayrell (2003, p. 42) “o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade”.

O que o jovem quer ser quando crescer?

A pergunta que intitulou esse tópico é conhecida por todos e trata-se de um dilema, pois aqueles que não a receberam já as fizeram para si mesmo, em uma determinada fase da vida, pois esse questionamento aparenta ser a decisão mais difícil já tomada. No entanto, trata-se do início de um processo e para que ela seja definida é relevante citar a influência do meio como destacado por Rego (1995) embasado em Vygotsky que afirma que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo e que não são mero resultado das pressões do meio externo, pois resultam da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural. Destaca ainda que “Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo” (Rego, 1995, p. 41).

Como mencionado anteriormente, o meio tem grande influência e, assim como a família, a escola possui um papel de extrema relevância nessa decisão para que a criança mencionada como sujeito que ainda não cresceu assuma a grande responsabilidade de descobrir o que quer antes mesmo de ‘crescer’. Remete, primeiramente, a construção do ‘eu’ e da identidade, para que assim, possa ser tomada a grande decisão. Vale ressaltar que é necessário ter o conhecimento para se discutir sobre o assunto com crianças, jovens e até mesmo com adultos, pois é uma fase de descoberta que acarreta grandes responsabilidades ligadas ao psíquico tanto para quem deve tomar a decisão, como para os envolvidos em contribuir para a tão esperada ‘resposta’.

Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 06) destacam que “relacionar projeto de vida e identidade significa expor as diversas relações estabelecidas pelo homem em sua trajetória de vida. Sendo assim, o passado e o presente são dimensões que preparam o futuro”. Dias e Soares (2012) ressaltam que o processo de direcionamento para as escolhas e planejamento está pautado em sentidos particulares e pessoais que se embasam em diferentes referências, vivências e contextos que influenciam e ressignificam decisões.

Marcelino, Catão e Lima (2009, p. 552) afirmam que “a construção do projeto de vida configura-se como um processo de viabilização da inclusão social, uma oportunidade de estar na sociedade, ter um lugar social, ou seja, participar, ser incluído socialmente”. De modo que, a intenção de mudar a realidade sempre está voltada para melhorá-la relacionando o projeto de vida à escolarização. Partindo desse contexto os estudantes foram questionados sobre o que gostariam de ser ao crescerem, resultando no quadro apresentado abaixo:

Quadro 2. O que você quer ser quando crescer? Por quê?

Estudante (E)	O que você quer ser quando crescer? Por que?
E1	Eu quero ser veterinária para cuidar dos animais que estão abandonados e sem cuidados, e também para ajudar minha família nas condições financeiras.
E2	Quero ser policial. Por que quero fazer diferença quero ser uma pessoa que possa ajudar a sociedade
E3	Aeromoça, é meu sonho desde criança.
E4	Chefe de cozinha.

E5	Alguém melhor do que eu sou hoje e por que é o certo a ser fazer.
E6	Médico ou Engenheiro
E7	Quero ser uma pessoa independente de mim mesma. Porque eu creio que não tem a melhor coisa do que você ter seu próprio dinheiro e não depender de ninguém.
E8	Uma boa profissional
E9	Médico ou sla... Por que acho muito legal e essencial, ter alguém com quem as pessoas possam confiar, e sempre recorrer a mesma, para salvar vidas e/ou até mesmo, conversar. Também por que quero ser diferente de muitos “médicos” que já vi, e ouvi falarem por aí, só estão lá pelo cargo, e não exercem de maneira correta o mesmo, e também não fazem nada de acordo com o que realmente deve ser feito.
E10	Um fazendeiro rico

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

O quadro acima retrata os sonhos e planos dos estudantes, sendo perceptível que muitos apresentam uma razão para a escolha do que quer ser e que, em muitas das falas, é possível constatar a necessidade de mudança de vida como mencionado pelo “E1”, bem como a concretização de um sonho ligado ao fazer o bem e contribuir de alguma forma com a humanidade como o mencionado pelos estudantes “E9 e E2”. Entretanto, retratam também como razão a ‘tão sonhada independência’ e alguns não apresentam um porquê da escolha e apenas apresentam uma profissão como o que querem ser quando crescer o que propõe uma reflexão sobre esses estudantes que não sabem ou por alguma razão não conseguem informar a razão de suas escolhas.

Nesse sentido é que não se pode perder de vista a complexidade da constituição identitária dos jovens nem se deve relacionar a condição juvenil apenas ao papel de aluno, sob risco de diminuir a voz e a presença dos jovens em sociedade e nos espaços institucionais. Para além do entendimento biopsicológico, é preciso compreendê-la a partir do desejo de desenvolver uma identidade singular, em meio à relação com os outros e ao contexto vivido. Por isso, é sempre importante reafirmar a condição juvenil enquanto uma construção cultural e social, concepção teórica defendida por Dayrell (2007); Carrano; Dayrell (2014); Arroyo (2014) e Leccardi (2005) (Pasqualli; Burmester, 2021, p. 4).

Com base nessa perspectiva Arantes, Danza e Pinheiro (2016), enfatizam que tem sido recorrente com base em educadores e pesquisadores a postergação das escolhas que resulta na elaboração de projetos de vida, fenômeno esse que pode ser motivado pela indecisão, confusão ou reflexão, pois não sabem ao certo a razão, porém constatam que a elaboração do projeto de vida é o recurso mais satisfatório para lidar com essas instabilidades e adversidades e não comprometer a concretização dos projetos.

Araújo, Arantes e Pinheiro (2020), retratam ainda sobre a relevância do Projeto de vida que o engajamento dos jovens no Projeto de vida e em projetos está vinculado diretamente aos valores éticos, que integram a identidade dos adolescentes, bem como servem de base para os seus próprios projetos, ações, escolhas e seus planos e ressaltam que Projeto de vida pode contribuir tanto no presente quanto para o futuro dos adolescentes.

Considerações Finais

A título de conclusão, vale destacar que a presente pesquisa viabilizou uma reflexão sobre os grandes dilemas da juventude, discutindo sobre projeto de vida e identidade, de modo que foi perceptível a particularidade das respostas interligando-as aos contextos que estão inseridos

e realidades vivenciadas. Sendo assim, vale ressaltar que a identidade está ligada diretamente as escolhas de projeto de vida e que as escolhas e transformações surgem da constante necessidade de mudança e crescimento pessoal e profissional.

A construção de pesquisas como essa contribuem e instigam o estudo sobre os jovens e seus dilemas, bem como apresentam discussões pertinentes sobre questões relevantes para os jovens e os seus futuros. No entanto, muito ainda se tem para discutir sobre a identidade e projeto de vida da juventude considerada o futuro da nação.

Os jovens demonstram ter consciência de seu potencial de mudança na sociedade em que estão inseridos. A força dos jovens ao longo da história da humanidade é manifestada de diversas maneiras, mesmo tendo convivido com tantos preconceitos, indiferenças, discriminação e críticas. No entanto, as dificuldades enfrentadas são também impulsionadoras de mudanças e quebra de paradigma do modelo estereotipado por anos.

Finalmente, em relação aos projetos de vista é importante destacar que não basta apenas projetar é necessário ter atitudes para alcançar o que fora projetado de forma que os jovens sejam os protagonistas de suas histórias.

Referências

ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 375-390, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/zdrYMY7tZzdtfw7sTkPRNTD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2023.

ARAÚJO, Ulisses. F.; ARANTES, Valéria; PINHEIRO, Viviane Potenza Guimarães. **Projetos de vida: fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2020.

ARANTES, Valéria Amorin; DANZA, Hanna Cebel; PINHEIRO, Viviane Potenza Guimarães; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. Projetos de vida, juventude e educação moral. **International Studies on Law and Education**, São Paulo, n. 23, p. 77-94, 2016. Disponível em: <http://diretoriodepesquisasnj.ibict.br/vivo/display/n4101>. Acesso em: 14 jun. 2023.

BRASIL, Lei Federal nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/12852.htm. Acesso em: 26 novembro 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12992-diretrizes-para-a-educacao-basica>. Acesso em: 17 jun. 2023.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 24. Set/Out/Nov/Dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jun. 2023.

DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. A Escolha Profissional no Direcionamento da Carreira dos Universitários. **Rev. Psicologia: Ciência e Profissão**, v.32, n.2, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/33KF7yskTFtPcQpBDmX95Zg/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 maio 2023.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. "Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas". In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos (Org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação científica. Petrópolis: Vozes, 2009.

KLEIN, Ana Maria; TORRES, Julio Cesar. Educação, projetos de vida e participação política da juventude. **Ponto-e-vírgula**. v. 17, p. 251-269, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/download/25422/18133/66203>. Acesso em: 14 jun. 2023.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educ. Soc., Campinas**, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Jr9sGWbKhNRCFwFBMzLg34v/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MARCELINO, Maria Quitéria dos Santos; CATÃO, Maria de Fátima Fernandes Martins; LIMA, Claudia Maria Pereira de. Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. v. 29, n. 3, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/wdKqWDxzsZfmC9m4p33XFSh/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 2004.

OLIVEIRA, Júlia Ribeiro de, RODRIGUES, Lúcia Isabel C. Silva; RODRIGUES, Solange S. Acesso, identidade e pertencimento: relações entre juventude e cultura. **Democracia ativa**. n. 30. jan/mar 2006. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/documento/acesso-identidade-e-pertencimento-rela%C3%A7%C3%B5es-entre-juventude-e-cultura>. Acesso em: 14 jun. 2023.

PASQUALLI, Roberta; BURMESTER, Ana Cláudia. Currículo integrado, juventudes e espaços de participação. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 7, p. e165521, 2021. DOI: 10.31417/educitec.v7.1655. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/1655>. Acesso em: 20 jun. 2023.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, Vozes, 1995.

SOUSA, Luciano de Melo; COSTA, Marcos Rangel de Sousa. **Juventude e juventudes: percebendo além do senso comum**. **Humanismo Caboclo**, maio, 2019. Disponível em: <https://www.humanismocaboclo.com/post/juventude-e-juventudes-percebendo-al%C3%A9m-do-senso-comum>. Acesso em: 20 jun. 2022.

STAKE, Robert E. **The art of case study research**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1995.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com as juventudes**. Brasília: Unesco, 2004. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000135923>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Recebido em 20 de junho de 2022.

Aceito em 11 de agosto de 2023.